



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/06/2020 a 18/06/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/06/2020	8,71	289,00	27,50	5,02	3,30
15/06/2020	8,69	288,40	27,74	5,04	3,29
16/06/2020	8,67	287,90	27,99	4,96	3,29
17/06/2020	8,71	287,80	28,10	4,88	3,30
18/06/2020	8,73	288,80	28,06	4,83	3,31
Média	8,70	288,38	27,88	4,95	3,30

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS – Panambi	98,50	ND
RS – Não Me Toque	97,50	ND
RS – Londrina	94,50	ND
PR – Cascavel	94,00	ND
MT – Rondonópolis	105,70	ND
MS – Maracaju	98,00	ND
GO - Rio Verde	88,00	ND
BA – L.E.Magalhães	92,00	ND
MILHO(**)		
Porto de Santos	50,00	ND
Porto de Paranaguá	45,00	ND
Porto de Rio Grande	S/C	ND
RS – Panambi	42,00	ND
SC – Rio do Sul	42,00	ND
PR – Cascavel	38,00	ND
PR – Londrina	38,00	ND
MT – Rondonópolis	32,00	ND
MS – Maracaju	37,00	ND
SP – Itapetininga	48,00	ND
SP – Campinas	50,00	ND
GO – Rio Verde	35,00	ND
GO – Jataí	35,00	ND
TRIGO (**)		
RS – Panambi	54,00	ND
RS – Não Me Toque	54,00	ND
PR – Londrina	58,00	ND
PR – Cascavel	58,00	ND

Período: 17/06/2020

ND = Não Disponível. S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/06/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	42,95	97,01	53,27

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/06/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	61,36
Feijão (saco 60 Kg)	208,13
Sorgo (saco 60 Kg)	35,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,15
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,85

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago melhoraram mais um pouco nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (18) em US\$ 8,73/bushel, contra US\$ 8,66 uma semana antes.

Um dos motivos deste movimento está no clima estadunidense. Começam a existir divergências entre os meteorologistas sobre o mesmo para as próximas semanas no Meio Oeste dos EUA. Alguns falam em clima normal, outros falam em clima mais seco, com calor acima do normal.

Por outro lado, temperando esta situação mais altista, se encontra um ritmo de comercialização antecipada da nova safra, mais lento nos EUA. Os preços ainda baixos não estão motivando os produtores locais a venderem. Para muitos produtores, tais preços não pagariam os custos totais da atual safra que está em processo final de semeadura.

Dito isso, o fato é que existe espaço para novas altas em Chicago até o momento da colheita em outubro/novembro. O “mercado do clima” nos EUA continuará sendo um elemento fundamental. A partir de novembro, em caso de safra cheia, Chicago deverá recuar em não havendo outros elementos altistas em jogo. Se ocorrer o contrário, a soja voltará aos patamares superiores aos US\$ 9,00/bushel, que não são alcançados desde janeiro passado.

Na prática, os produtores estadunidenses estão diante de três fatos importantes nos últimos dois anos, os quais têm modificado o panorama dos preços locais da oleaginosa: a guerra comercial entre EUA e China, a qual ainda não está totalmente solucionada; a pandemia da Covid-19 e suas consequências mundiais; e a maior competitividade da soja brasileira diante da forte desvalorização do Real neste ano de 2020.

No caso do conflito comercial entre EUA e China, os produtores estadunidenses chegaram a enviar uma carta ao presidente Donald Trump, neste último dia 16/06, pedindo maior pressão sobre a China para que ela compre mais produtos agrícolas dos EUA. Na prática, mesmo que a China esteja cumprindo o acertado na Fase Um do acordo entre os dois países, assinada ainda em meados de janeiro passado, os produtores rurais estadunidenses querem mais. No caso da soja, a oferta mundial é uma das maiores desde os anos de 1980 e isso inibe os preços internacionais. Ao mesmo tempo, em função da pandemia, e agora o risco de uma Segunda Onda da mesma, a qual parece estar iniciando na China, os produtores dos EUA calculam que as compras chinesas não atingirão o total acertado para 2020. Em soja, as compras deverão ficar ao redor de US\$ 13 bilhões, contra US\$ 21 bilhões anuais antes do início da guerra comercial, no já distante mês de março de 2018.

Por sua vez, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA anunciou que, em maio, o esmagamento de soja naquele país ficou abaixo das expectativas, atingindo a 4,62 milhões de toneladas, enquanto o mercado esperava 4,71 milhões. Este volume ficou também abaixo do processado em abril, porém, bem superior aos 4,21 milhões de toneladas de maio de 2019.

Enfim, o mercado encontrou certa sustentação nos preços diante do fato de que as condições das lavouras estadunidenses de soja não melhoraram nesta última semana. Enquanto, até o dia 14/06, o plantio da oleaginosa chegava a 93% da área esperada, contra 88% na média histórica, as condições das lavouras já semeadas indicavam 88% das mesmas já tendo germinado naquele país, contra 49% na média histórica para esta época. Ao mesmo tempo, 72% das mesmas estavam entre boas a excelentes condições, 24% regulares e apenas 4% entre ruins a muito ruins. É sobre esta últimas informação que o mercado esperava um indicativo um pouco melhor. Entretanto, como se nota, neste ano a safra de soja nos EUA se inicia muito bem.

Vale ainda destacar que o diferencial de preços entre a soja brasileira e estadunidense chegou a mais de 20 dólares/tonelada nesta semana, sendo o maior nível em nove meses, indicando que a soja brasileira ficou menos competitiva. Isso se deveu a dois fatores, em princípio: a desvalorização do dólar com a consequente valorização do Real; e os produtores brasileiros já terem vendido a quase totalidade da última safra de soja (cerca de 90% do total colhido).

Aqui no Brasil, os preços melhoraram diante na nova desvalorização do Real durante a semana. A moeda brasileira voltou aos patamares de R\$ 5,25 por dólar, após ter se aproximado de R\$ 4,80 duas semanas atrás. Com isso, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 97,01/saco, enquanto no Paraná os preços ficaram entre R\$ 94,00 e R\$ 95,00/saco; em Rondonópolis (MT) acima de R\$ 105,00 no CIF; em Maracaju (MS) em R\$ 98,00; em Rio Verde (GO) em R\$ 88,00; e em Luís Eduardo Magalhães (BA) R\$ 92,00/saco.

Dito isso, as exportações brasileiras de soja continuam fortes. A projeção da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), para o mês de junho, é de 13 milhões de toneladas vendidas do grão, elevando em quase três milhões de toneladas o previsto inicialmente. Diante disso, o volume de soja exportado no primeiro semestre deste ano chegará a 62,8 milhões de toneladas, de um total de 77 milhões esperados para o ano todo. Este volume semestral representa um aumento de quase 40% sobre o total embarcado no primeiro semestre de 2019.

Já em farelo de soja, as exportações devem ficar estáveis, registrando 1,64 milhão de toneladas em junho, chegando a 8,6 milhões no semestre. Em se confirmando este volume, o mesmo será de 400.000 toneladas acima do embarcado no primeiro semestre de 2019. O Brasil espera exportar 16,3 milhões de toneladas de farelo de soja em 2020.

Quanto aos prêmios nos portos, houve boa melhora nas últimas semanas, com os mesmos ultrapassando US\$ 1,00/bushel na maioria dos locais de embarque. Em Paranaguá, por exemplo, o preço da soja havia subido 6% até o início desta semana, batendo em US\$ 372,50/tonelada, contra US\$ 351,60 no Golfo do México, EUA.

Em termos de comercialização, além dos 90% negociados da safra passada, as vendas antecipadas da futura safra de soja brasileira chegam a 35% neste momento. O motivo principal está na melhoria dos preços internos, puxados pelo câmbio e, nos últimos dias, auxiliados também pela melhoria nos prêmios.

Se por um lado os produtores estão aproveitando os excelentes preços existentes, por outro lado, uma elevada venda antecipada pode segurar o aumento dos preços futuramente, pois os compradores já estarão bem abastecidos. Por enquanto, o volume negociado pode ser considerado adequado na lógica da construção de uma média de preços para a futura safra.

Com os atuais preços, os produtores do interior gaúcho, mesmo com o aumento dos custos de produção, poderão ter uma margem operacional muito interessante na futura safra, desde que a mesma venha normal desta vez. Pelo sim ou pelo não, o fato é que as vendas antecipadas chegaram em um percentual aceitável no geral, devendo agora os produtores venderem de forma mais escalonada sua futura produção. Obviamente, isso irá depender de como os três principais fatores formadores do preço da soja no Brasil irão se comportar daqui em diante: cotações em Chicago; câmbio; e prêmio nos portos.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago se mantiveram estáveis durante a semana, com o fechamento desta quinta-feira (18) ficando em US\$ 3,31/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 3,29 uma semana antes.

O mercado internacional está atento ao desenvolvimento da safra nos EUA, cuja semeadura está concluída. Nesta última semana houve redução nas condições positivas das lavouras estadunidenses, indicando pressão altista sobre os preços. De fato, até o dia 14/06 o USDA apontou que 71% das mesmas se apresentavam entre boas a excelentes, contra 75% na semana anterior. Por outro lado, outros 24% das lavouras estavam regulares e 5% entre ruins a muito ruins.

Em contrapartida, os Fundos de Investimento têm jogado contra a alta nos preços do milho. Pelo menos até o dia 09/06 os mesmos tinham aumentado sua posição líquida vendida em 5,7%, enquanto para a soja o saldo comprado havia crescido 168%.

Como sempre nesta época, o clima ditará o movimento principal nas cotações do milho em Chicago. Por enquanto, a situação é normal, com previsão de safra superior a 406 milhões de toneladas nos EUA.

No Brasil, os preços do milho continuam pressionados pela chegada da safrinha e a expectativa de uma safra total recorde ao redor de 101 milhões de toneladas. Com isso, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 42,95/saco. No Paraná o produto ficou cotado a R\$ 38,00, enquanto na região central de Santa Catarina igualmente em R\$ 42,00. Nas demais principais praças nacionais tivemos os seguintes preços médios: R\$ 32,00 em Rondonópolis (MT); R\$ 29,00 em Sorriso (MT); R\$ 37,00 em Maracaju (MS); R\$ 39,00 em Dourados (MS); R\$ 35,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 50,00 no CIF em Campinas (SP).

Na BM&F de São Paulo, no dia 18/06 o mês de julho iniciou cotado a R\$ 45,75/saco, enquanto setembro ficava em R\$ 44,75, e novembro em R\$ 46,91/saco.

Por sua vez, segundo a Anec, a expectativa é de que o Brasil exporte 1,04 milhão de toneladas em junho. Assim, os seis primeiros meses do ano devem fechar com um total de 2,8 milhões de toneladas exportadas. Uma queda de 64,5% sobre as 7,9 milhões de toneladas exportadas no primeiro semestre de 2019. A projeção da Conab é de que o país feche o ano exportando 34,5 milhões de toneladas, contra cerca de 42 milhões no ano passado. Isso significa dizer que o Brasil terá que exportar quase 32 milhões de toneladas entre julho e dezembro próximos. Algo desafiador diante de uma futura safra recorde nos EUA, ficando muito na dependência do câmbio para motivar tais vendas. Na prática, o mercado espera vendas externas um pouco menores, ao redor de 30 milhões de toneladas. Portanto, este ritmo menor de vendas externas tende a ser mais um fator de pressão baixista sobre os preços, além da entrada da safrinha a partir deste final de junho.

E a respeito da safrinha, vale destacar que o Mato Grosso do Sul já teria negociado 42% da mesma, sendo seis pontos percentuais superior ao mesmo período de 2019. O preço do milho local está 35% acima do valor praticado na mesma época do ano passado, embora o mesmo venha recuando desde maio. O Estado deverá colher 8,2 milhões de toneladas, contra 12,2 milhões no ano anterior, após um recuo na área semeada de quase 13%. Além disso, o clima não foi positivo em muitas regiões do Estado sul mato-grossense.

Já no Paraná, segundo o Deral, a colheita da safrinha chegou a 3% da área até o dia 15/06, com a produção final devendo atingir a 11,9 milhões de toneladas, com recuo de um milhão de toneladas em relação ao esperado inicialmente.

Por sua vez, no Mato Grosso a colheita chegava a 10% da área, estando atrasada. Os produtores locais já negociaram 85% da safrinha de milho, e já venderam 35% da safra 2020/21.

Em síntese, salvo surpresa, nos próximos meses a pressão continuará baixista sobre os preços do milho nacional. Passada a colheita da safrinha, a partir de setembro, tais preços podem melhorar dependendo do volume que se terá na safrinha e do ritmo das exportações do cereal no segundo semestre.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram nesta semana, após ensaiarem uma pequena recuperação. Com isso, o bushel se distanciou um pouco mais dos US\$ 5,00, fechando a quinta-feira (18), no primeiro mês cotado, em US\$ 4,83, contra US\$ 4,99 uma semana antes. A atual cotação do cereal é a mais baixa desde o final de setembro de 2019.

O recuo nos preços se deve a entrada do trigo de inverno no mercado estadunidense e o consequente posicionamento vendido dos Fundos especulativos em Chicago em relação aos contratos do cereal.

No primeiro caso, o trigo de inverno, até o dia 14/06, estava colhido em 15% da área semeada, ficando exatamente dentro da média histórica para o período. Já as condições das lavouras a colher apresentavam 51% entre boas a excelentes; 30%

regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Por outro lado, o trigo de primavera apresentava 82% das lavouras entre boas a excelentes, 17% regulares e 1% ruins.

Quanto ao comportamento dos Fundos especulativos, suas posições líquidas vendidas, até a semana encerrada em 09/06, haviam crescido 125%, pressionando para baixo as cotações desde então.

Na Argentina o mercado segue relativamente estável, porém, com viés de baixa devido a decisão do governo local de travar parcialmente suas exportações, visando abastecer o mercado interno, às voltas com forte inflação. Entretanto, o governo argentino liberou as vendas do cereal para o Brasil, acalmando um pouco a pressão sobre o mercado brasileiro. Por outro lado, o governo brasileiro prorrogou o prazo de importação do produto com origem fora do Mercosul, favorecendo o setor industrial, pressionado pela pouca oferta nacional e pelos altos preços de importação devido ao câmbio.

Tem temperado este nervosismo o fato de o clima estar positivo para as lavouras tritícolas do sul do Brasil. A semeadura do cereal caminha para o final e a Conab, em seu último levantamento, espera um total de 2,18 milhões de hectares semeados no país, ou seja, 6,7% acima do ano anterior, embora nas principais regiões produtoras a tendência é que o aumento de área venha bem maior. A produção total oficial ainda está na projeção de 5,7 milhões de toneladas, porém, se o clima ajudar a mesma também poderá ser maior.

Tanto é verdade que no Rio Grande do Sul, onde as duas últimas safras do cereal foram frustradas e a última safra de verão registrou perdas ao redor de 50%, a tendência é de um plantio alcançando 915.710 hectares de trigo, superando em muito as projeções anteriores. Isso representa um crescimento de 20,3% na área semeada. Será a maior área com trigo desde 2014 no Estado gaúcho. A produção final poderá chegar a 2,19 milhões de toneladas, a partir de uma produtividade média esperada de 40 sacos/hectare (tomando-se como referência a produtividade média histórica), segundo a Emater e a Fecoagro. Porém, em o clima ajudando de forma geral as regiões de produção do Estado, o volume a ser colhido poderá chegar a 2,5 milhões de toneladas.

Já no Paraná, o volume esperado na futura colheita é de 3,5 milhões de toneladas. Nestas condições, e considerando os demais Estados produtores, a safra brasileira pode muito bem alcançar as 6 milhões de toneladas de trigo neste ano. A partir de agora é o clima que definirá se isso realmente se concretizará.

Em termos de preço, a semana fechou com a média gaúcha no balcão valendo R\$ 53,27/saco, enquanto no Paraná as principais regiões produtoras registraram R\$ 58,00/saco. Em relação à semana passada, o preço médio gaúcho avançou 1,6%, enquanto o paranaense ficou estável. Já em Santa Catarina, a região de Palma Sola registrou R\$ 56,00/saco.